

FATOS E NOTAS

CONSIDERAÇÕES SÔBRE O PROBLEMA DO ENSINO.

Já se tornou quase uma banalidade falar-se em crise do mundo contemporâneo, tomando-se esta expressão no seu sentido mais habitual, para dar-se a entender que a civilização ocidental chegou a um ponto crítico; tal ponto deve preceder imediatamente uma transformação que, a julgarmos pela intensidade e pela extensão de seus sintomas, será profunda. Nota-se, — o que é altamente significativo, — entre os intelectuais de espírito realmente jovem, um enorme esforço em busca de novas formas de expressão da cultura, o que quer dizer, insatisfação com o passado, ou melhor, desajuste em relação a este mesmo passado. Em outras palavras, acreditamos não incorrer em êrro de afirmarmos que o patrimônio cultural do Ocidente, como nos foi legado, não mais corresponde às necessidades do mundo presente; as fórmulas antes empregadas nada resolvem dos problemas atuais, e os moços de hoje vêm-se assim diante de uma enorme tarefa, tal como seja a elaboração de novos processos destinados a solucionar os problemas do momento; missão esta tanto mais grave, quanto tais processos deverão ser dotados de maleabilidade que lhes possibilite, pelo menos durante algum tempo, a adaptação ao ritmo cada vez mais acelerado da História.

Com isto não queremos nem de longe afirmar — o que seria um absurdo — que a cultura ocidental não tem utilidade alguma para as novas gerações. Queremos, isto sim, dizer que a maneira pela qual ela tem sido empregada até agora já não é adaptável à época e, ainda mais, que ou se verifica um reajustamento no modo de encará-la e de empregá-la, ou ela irá fatalmente para o seu fim; isto é, dêste reajustamento dependeria a própria vida da cultura do Ocidente.

E' claro que não seríamos levianos ao ponto de fazer uma afirmação desta gravidade sem procurar justificá-la. És-

te ponto de vista, aliás, já foi defendido, em certa medida, antes mesmo da guerra de 1939, por J. Huizinga, numa pequena mas valiosa publicação (1). E' aí que o autor, depois de afirmar a diferença existente entre instrução e cultura, insiste em que esta não se realiza com o trabalho ou com o prazer espiritual, mas sim na vida de todo o dia, como atitude e aplicação prática dos dotes do espírito. Isto significa simplesmente que erudição, instrução, são coisas mortas ou, quando muito, de valor exclusivamente individual, ao passo que a cultura é viva, somente podendo possuí-la aquêla que aplica os seus conhecimentos na posição que assume diante da vida. Ora, Huizinga, observa, e pensamos que o espetáculo de todos os dias o confirma, que só os indivíduos de personalidade podem ser detados de cultura, e parte daí para afirmar a existência de um ponto crítico no mundo moderno, como se vê: se a cultura, no seu legítimo sentido, está estritamente ligada à personalidade, é evidente que a sua eventual salvação dependerá da existência de personalidades, e que estas deverão encontrar a forma e a maneira de ser da vida social favoráveis à sua germinação e ao seu pleno desenvolvimento. E acontece hoje em dia exatamente o contrário, isto é, não se pode negar que a estrutura da vida moderna não deixa medrar a personalidade, fato êste que é diretamente responsável por um certo número dos mais generalizados males que põem em perigo a própria cultura do Ocidente nos dias que correm. E isto torna-se muito mais compreensível quando se verifica que o produto da éra industrial é o homem semi-formado, e que o semi-formado é o inimigo mortal da personalidade (**Das Produkt des industriellen Zeitalters ist der halbgebildete Mensch. Der Halbgebildete ist der Todfeind der Persönlicheit**). Pelo seu número e pela sua uniformidade, os semi-formados sufocam no próprio solo a semente da individualidade, e os dois grandes meios de comunicação da época, o cinema e o rádio, são altamente responsáveis pela unilateralidade e superficialidade que se tornaram habituais à sua maneira de receção espiritual. Tratar-se-ia, aqui, do fenômeno denominado por Bertrand Russell como "modern homogeneity", com a diferença de que êste, escrevendo em 1930, referia-se ainda apenas aos Estados Unidos e sugeria remotamente a expansão do fato à Europa, e que Huizinga, oito anos mais tarde, podia também referir-se aos Estados Unidos como base, mas já afirmava que, em pouco tempo, também tôda a Europa seria dominada pela mesma

(1). — HUIZINGA (J.). — *Der Mensch und die Kultur*. Bermann-Fischer. Stockholm. 1908.

característica. Ora, a situação atual parece confirmar tal previsão, e o lamento de um Georges Duhamel, inconformado com o fato de que os jovens de hoje fujam da beleza, parece testemunhar de certo modo o choque entre as gerações passadas, ainda apegadas a uma série de ideais da cultura ocidental, e a juventude que, pela estandarização, pelo desaparecimento das personalidades, caminha para a incompreensão destes mesmos ideais.

Quer-nos parecer que dois grandes fatos podem ser distinguidos nas origens deste choque: a aceleração do ritmo da História e a tendência das novas gerações para uma concepção de vida baseada no imediatismo e no materialismo, na sua aceção mais vulgar. Aliás, somos de opinião de que os dois fatos estão estreitamente ligados: o segundo decorrente do primeiro, isto é, a quase impossibilidade de adaptar-se os dados tradicionais da cultura ocidental, como nos foram transmitidos, aos novos problemas surgidos com a alteração do ritmo da História e daí, então, o intuito de aproveitar a vida da maneira mais elementar, materialmente, imediatamente, enquanto há tempo. Esta maneira de conceber a vida tem como resultado automático a concentração de todos os esforços na solução exclusiva dos problemas individuais, materiais e imediatos. Fala-se muito em **utilidade**, com a intenção de significar que apenas o que é útil deve ser apreendido, esquecendo-se de que não só este conceito de útil é unilateral e primitivo, mas ainda mais, de que os principais problemas individuais prendem-se aos coletivos e de que estes, muitíssimos mais complexos e importantes, nem por sombra podem ter as suas soluções abordadas pelos mesmos processos de que se servem os indivíduos para ganhar o pão de cada dia e para construir uma vida cujo panorama ideal é quase sempre inspirado por certas películas de Hollywood. Geralmente sem ter consciência de que existem problemas vitais mesmo para as pessoas consideradas isoladamente, e que no entretanto escapam a este estreito ideal de vida, os jovens de hoje procuram interessar-se exclusivamente pelos ramos do conhecimento ligados às ciências experimentais, que deverão dar lugar a aplicações práticas imediatas. René Guénon, na sua obra "La Crise du monde moderne", tratando do assunto, expressa-se com o equilíbrio que o caracteriza, parecendo-nos merecedor de todo o apóio ao afirmar que "é necessário compreender que não se trata de declarar ilegítimo em si mesmo um conhecimento qualquer, ainda que inferior; o que é ilegítimo é somente o absurdo que se produz quando coisas de tal gênero absorvem a atividade humana, como vemos atualmente".

De fato, é o que se verifica com a imensa maioria dos estudantes de hoje, que mostram acentuada preferência por cursos “científicos”, buscando, na realidade, exclusivamente meios para a solução de problemas ligados à realização do quadro de vida a que acima nos referimos. E frisamos que se trata de problemas materiais e imediatos, porque a preocupação dominante de conseguir sucesso numa determinada “especialização de ordem técnica, conduz inevitavelmente a uma tal estreiteza de vistas, que é quase impossível a tais estudantes preocuparem-se com outros problemas, além dos mencionados. Materialismo e imediatismo tão chocantes que nos despertam a comparação, — em termos da época, — com um prédio de apartamentos em condomínio cujos alicerces estivessem abalados ao ponto de tornarem evidente o desmoronamento próximo, enquanto os condôminos, indiferentes a êste fato, tratassem de comprar geladeiras e de embelezar os seus respectivos aposentos; poderíamos acrescentar ainda que tais condôminos, advertidos do perigo da queda fatal do edifício, mostrar-se-iam enfadados ao se verem importunados com um assunto desta ordem, ou sorririam a respeito, e teríamos assim completa uma imagem representativa da juventude que hoje em dia frequenta nossas escolas.

Tais reflexões foram-nos sugeridas ao considerarmos o panorama atual do ensino entre nós. Pensamos que tanto no curso secundário como no superior, ao se tratar de disciplinas que não proporcionem a possibilidade de aplicações práticas imediatas, de maneira a se enquadrarem naquele conceito material de utilidade, os estudantes podem ser classificados, **grosso modo**, em três grupos:

1 — A maioria, longe de se preocupar com a matéria em questão, apenas procura obter a nota necessária para passar de ano. Tais alunos, geralmente, sentem também que não há estabilidade no mundo atual; mas constituem aquela multidão que, como nos diz René Guénon, acha-se à vontade na desordem presente, na qual vêm como que uma imagem exteriorizada da própria mentalidade.

2 — Os que procuram aproximar-se do tipo tradicional do “bom aluno”, estudioso, mas que não reflete sobre o que estuda e está alheio à realidade do momento. Quase sempre o seu objetivo é também a nota, mas faz questão de nota alta.

3 — Uma pequena parte, que sente a realidade, que estuda, mas que muito freqüentemente se desorienta por não encontrar uma correspondência entre a cultura que a

escola procura ou, pelo menos, deveria procurar dar-lhe, e os problemas do mundo moderno. E' interessante notarmos que, dentre êles, grande parte tende ideològicamente para a esquerda, e interpretamos esta tendência simplesmente como a busca de um caminho ainda não percorrido, cujos resultados ainda não se pode dizer quais serão, mas que lhes acena com a possibilidade de soluções novas para as dificuldades atuais. Acreditamos que o único remédio a ser empregado para evitar-se que a crise presente se encaminhe para um desenlace funesto, seria o de tomar êstes elementos e orientá-los, porque sòmente esta é a percentagem realmente aproveitável dentre os estudantes, uma vez que os outros, do ponto de vista da solução dos problemas coletivos, são completamente estêreis, podendo apenas ser utilizados, — dentro do seu próprio conceito de utilidade, — em trabalhos materiais. Mas, surge aí a grande dificuldade de que já falamos: tais jovens revelam a semente da personalidade, e o simples fato de conseguirem, de qualquer maneira, subtrair-se à "modern homogeneity", de reagirem à influência do rádio, do cinema, da má literatura e das quase sempre perniciosas obras chamadas de "divulgação de cultura", demonstra que dêles poderia sair mais de um realmente proveitoso para a sociedade. Entretanto, verifica-se também a irreconciliabilidade entre êstes elementos e a maneira pela qual se lhes apresentam os dados tradicionais da cultura ocidental; por mais atraentes que se mostrem, sempre parecerão deficientes aos olhos de tais estudantes, por sofrerem do mal básico de não resolver os problemas da época, e o professor que observe êstes alunos, notará por vêzes que as suas perguntas e sugestões demonstram como que a intenção de mudar a orientação dos cursos, num esforço de preencher o vazio que se evidencia entre a cultura do passado a realidade do presente.

Impõe-se, então, nada mais nada menos do que a renovação do quadro desta cultura para, se possível, adaptá-la ao período em que vivemos, torná-la efetivamente **Cultura**, dentro da mencionada conceituação de Huizinga. Porque, da maneira como se continua a fazer ainda hoje, não haverá, dentro em breve, possibilidade alguma de aplicação diante da vida, dos conhecimentos proporcionados pela escola, com exceção, é claro, dos de ordem exclusivamente material. Todos são unânimes em reconhecer que a guerra de 1914 encerrou um período, a tal ponto que se pode conduzir até ela o século XIX, e tomá-la como base para o início do século XX; no entretanto, basta que se tome um compêndio de História, por exemplo, de 1912, e outro de 1948, para que se verifique que as diferenças decorrem apenas de

acréscimos e de retificações. E o que nos admira, é que neste meio tempo foram publicadas obras que denunciaram ostensivamente que uma fase se encerrara, e que havia necessidade de readaptação a uma nova época. Obras como a de um Spengler, de um Toynbee, demonstram exatamente que já é possível olhar-se para trás e ver-se a totalidade de um caminho percorrido; só isto pode produzir síntese daquele tipo, e pensamos que, para que melhor se compreenda o que queremos dizer, que não será absurdo evocarmos aqui a “Cidade de Deus”, de Santo Agostinho, que nos parece desempenhar em relação à Antigüidade o mesmo papel que os trabalhos mencionados em relação ao Ocidente. Diante disto, julgamos que salta aos olhos a importância da questão do ensino, incomparavelmente maior do que em períodos normais da História. Evidentemente, não nos julgamos ainda em condições de traçar diretrizes, mas, apesar disto, cremos que grande é a responsabilidade da Universidade neste setor, particularmente da Faculdade de Filosofia, e nesta, das diversas cadeiras de História e de Filosofia.

Experimente-se apenas imaginar o que será do futuro quando os estudantes de hoje estiverem à frente dos diversos setores da vida pública. Faça-se isto conscientemente e ver-se-á qu uma remodelação fundamental do ensino se apresenta, talvez, como o único meio de se evitar a perspectiva, — que muitos entrevêm, — uma nova Idade Média.

PEDRO MOACYR CAMPOS

Assistente da Cadeira de História da Civilização
Antiga e Medieval (U. S. P.).